

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

**LIVROS EM MOVIMENTO: UMA PROPOSTA PARA BRINCAR COM
TEATRO E LIVROS-ÁLBUNS PARA CRIANÇAS PEQUENAS**

MARÍA PÍA BERNABÉ

ARARAS/SP
2023

MARÍA PÍA BERNABÉ

**LIVROS EM MOVIMENTO: UMA PROPOSTA PARA BRINCAR COM
TEATRO E LIVROS-ÁLBUNS PARA CRIANÇAS PEQUENAS**

Trabalho de conclusão do curso de
Licenciatura em Teatro, do
Departamento de Artes Cênicas do
Instituto de Artes de Universidade
de Brasília. Orientador: Prof. Me.
Guilherme Bruno de Lima.

ARARAS/SP

2023

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MARÍA PÍA BERNABÉ

LIVROS EM MOVIMENTO: UMA PROPOSTA PARA BRINCAR COM TEATRO E LIVROS-ÁLBUNS PARA CRIANÇAS PEQUENAS

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Teatro do estudante **María Pía Bernabé**, apresentado à Universidade de Brasília - UnB, como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Teatro, período 2023.2, com nota final igual a **SS**, sob a orientação do professor Mestre Guilherme Bruno de Lima.

Araras-SP, 15 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Me. Guilherme Bruno de Lima

Orientador

Prof.ª Ma. Aline Seabra de Oliveira

Examinador

Prof.ª Dra. Sullian Vieira Pacheco

Examinador



Documento assinado eletronicamente por **Aline Seabra de Oliveira, Usuário Externo**, em 22/12/2023, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Bruno de Lima, Usuário Externo**, em 22/12/2023, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Sullian Vieira Pacheco, Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes**, em 26/12/2023, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **10691777** e o código CRC **07136C4C**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em forma de presente a meu companheiro Renato, a minha filha Luna e a meu filho Pedro, porque nossa família louca é quem me permite pensar coisas loucas.

E a todas as crianças argentinas e brasileiras que brincaram e brincam comigo, que me escutam, que me questionam, e que fazem me sentir viva e continuar neste caminho. Estas brincadeiras são de vocês!

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer principalmente a meu companheiro Renato, por ser sempre meu primeiro leitor, pela paciência, por ficar na torcida, e por ser companheiro em todas as aventuras que quero. Também a Luna e Pedro, meus filhos, pelo tempo de vida juntos cedido para que mamãe possa estudar, e porque seus nascimentos despertaram meu olhar terno para as crianças pequenas.

À minha mãe, que sempre priorizou a minha vida cultural, assistindo as mesmas peças de teatro e filmes uma e outra vez. Que encheu minha vida de livros, e de praças com contadoras de histórias. Sou o que sou porque ela cuidou a semente com muito amor.

A Anabella, a Bibliotecária Maior da Biblioteca Municipal e Popular Mariano Moreno de Villa María, Córdoba, na Argentina, onde aprendi a respeitar o livro para crianças; obrigada, Ana, pelas tardes de conversas e mates.

A toda a equipe da escola Espaço Cirandarte, porque dentro dela foi que descobri esta possibilidade de trabalho: às minhas colegas que, sem compreender muito, aceitam minhas ideias, e em especial à sua diretora Lidiane, que não desiste de pensar uma escola onde as artes sejam valorizadas. Também, claro, as crianças, que vibram comigo em cada aula.

À minha cidade atual, a Piracicaba, a sua gente e sua cultura que me enche de prazer.

A toda a equipe da Licenciatura em Teatro Ead, da UnB/UAB porque juntos e juntas começamos no pior momento da pandemia e sobrevivemos. E em nome de todos/as eles e elas, à minha tutora presencial do polo de Araras, Rosana, porque sempre esteve do outro lado para me ajudar; sem seu apoio eu teria desistido várias vezes. E ao meu tutor/orientador deste trabalho, Guilherme, porque seu entusiasmo com meu tema, e suas ideias fizeram o caminho mais fácil e possível.

E por último, às e aos que lutam pelo respeito do ensino das artes dentro da educação; aos e às que lutam pela valorização das culturas e das festas populares; e às e aos que lutam pela Latinoamérica unida. Estamos juntos e juntas nessa caminhada! E à Educação pública que permite que eu estrangeira, mãe, mulher, trabalhadora consiga um título universitário e pense em um futuro melhor; meu desejo que seja igual para todas as pessoas deste país que me acolhe uma e outra vez.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de metodologia para o ensino de teatro para crianças pequenas a partir do uso de livros-álbum – o livro onde são necessários o texto e a imagem para compreender a mensagem – como ponto de partida das aulas. Tendo o objetivo de compreender as possibilidades lúdicas do livro-álbum em aulas de teatro, exemplificarei com vivências teatrais para incentivar este tipo de prática em docentes de teatro e pedagogas/os, para que eles/elas investiguem as possibilidades de movimento e experiências teatrais que os livros podem proporcionar e para incentivar novas atividades com novos livros. Nos auxiliaram os conceitos de livro-álbum e mediação de leitura, para compreender o lugar do livro e de quem propõe a atividade; o conceito de criança pequena, segundo o filósofo Merleau-Ponty; e o conceito de Ateliê, para localizar esta metodologia como uma vivência teatral para crianças pequenas. Neste trabalho, apresentamos cinco livros-álbum e algumas propostas de trabalho a partir deles. Como conclusão do trabalho, refletimos sobre a possibilidade de criação de novas práticas teatrais voltadas para as crianças pequenas.

Palavras-chave: livro-álbum; teatro; literatura infantil; criança pequena; mediação de leitura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gravação de Radioteatro. Figura da autora.....	9
Figura 2 - Crianças do Club de Leitura com os figurinos que eles mesmo desenharam. Figura da autora.....	9
Figura 3 - Capa do livro O Diário do Capitão Arsênio. Figura da autora.....	23
Figuras 4 - Momento de conversa depois da leitura do livro. Figura da autora.....	24
Figura 5 - Máquina voadora com objetos usados nas aulas de Educação Física, da quadra fechada da escola. Figura da autora.....	24
Figura 6 - Dia de apresentação das máquinas voadoras. Figura da autora. Figura da autora.....	24
Figuras 7, 8, 9 - Algumas das máquinas voadoras criadas pelo Capitão Arsênio. Figura da autora.....	25
Figura 10 - Desenho do protótipo e construção de uma das máquinas voadoras. Figura da autora.....	26
Figura 11 - Capa do livro Aperte Aqui. Figura da autora.....	27
Figura 12 - Vicente, com 2 anos, convidando a quem está escutando a apertar na bolinha amarela. Figura da autora.....	28
Figura 13 - Páginas do livro Aperte Aqui. Figura da autora.....	28
Figura 14 - Capa do livro Livro Clap. Figura da autora.....	30
Figura 15 - Diversas imagens do Livro Clap. Figura da autora.....	31
Figura 16 - Capa do livro Ter um Patinho é útil. Figura da autora.....	32
Figura 17 - Eu, na Biblioteca Municipal de Villa María, Córdoba, em Argentina, contando este livro com ajuda de uma criança. Figura da autora.....	33
Figura 18 - Duas partes do livro com a mesma imagem: do lado amarelo a fala é do Menino, do lado azul a fala é do Patinho. Figura da autora.....	33
Figura 19 - Capa do livro A Visita. Figura da autora.....	35
Figura 20 - Imagem do livro. Figura da autora.....	36
Figura 21 - Foto tirada para exemplo de atividade online durante o isolamento no ano 2020. Figura da autora.....	37

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1 - Marco Teórico	13
1.1 Minha história com os livros-álbum para crianças	13
1.2 O livro-álbum	13
1.3 A Mediação de Leitura	14
1.4 Como cheguei até a Educação Infantil.	16
1.5 Ateliê	16
1.6 Criança Pequena e Criança Performer	19
Capítulo 2 - Chegou o momento de brincar	22
2.1 A hora dos livros	23
2.1.1 Diário do Capitão Arsênio	23
2.1.2 Aperte Aqui	27
2.1.3 Livro Clap	30
2.1.4 Ter um patinho é útil	32
2.1.5 A visita	34
Considerações Finais	38
Referências Bibliográficas	40

Introdução

Neste trabalho vou contar uma experiência prática de aulas de teatro para crianças na Educação Infantil, onde foram usados livros-álbum como disparadores de experiências teatrais. Este trabalho tem como intenção demonstrar a potencialidade que têm os livros-álbum para provocar experiências teatrais em/com crianças pequenas. Vou apresentar alguns livros já usados por mim várias vezes, os quais deram o caminho para pensar a prática como uma prática teatral.

Começo este trabalho esclarecendo para o/a leitor/a que o texto será escrito na primeira pessoa do singular, como eu, e não na primeira pessoa do plural, como é de costume nos trabalhos acadêmicos. Acredito nas construções coletivas, mas este trabalho de pesquisa é sobre meu olhar e sobre vivências pessoais. Assim, escrevendo na primeira pessoa coloco meu verdadeiro olhar:

Como bem nota Cayo Honorato (2014), há duas subjetividades que se formam nesse processo, os artistas professores e os professores artistas, com estes últimos ligados às explorações da metodologia de pesquisa (...). Em qualquer um dos casos, os questionamentos têm implicações políticas e metodológicas relevantes. Por uma parte porque criam uma ruptura com o papel do artista e da arte na sociedade e focam sobre formas socialmente engajadas de experiência estética. Por outra parte porque se fortalecem as formas de operar das artes, que são metodologias na construção do conhecimento coletivo e com eles surgem possibilidades de transformação social (Fernández e Castro, 2019, p. 15).

Foi por minha experiência artística, como contadora de histórias e mediadora de leitura que começou este caminho, sempre misturado com meus espaços de trabalho, que não eram nas áreas de teatro, mas nos quais eu sempre coloquei meu olhar de “fazedora teatral”¹. Entre 2010 e 2017, trabalhei na biblioteca municipal de Villa María, em Córdoba, Argentina, a cidade onde eu morava. Entrei nesse trabalho pelas casualidades e causalidades da vida. Fui a encarregada do Setor Infantil, e além do trabalho cotidiano da biblioteca, também fui a encarregada dos projetos de extensão bibliotecários², onde em alguns deles coloquei minha vocação pelo teatro. Nesses projetos fiz: o Clube de Leitura “Tanto Teatro me Transforma”, uma oficina de

¹ Gosto de me apresentar assim às vezes, quando (como muitas pessoas que se dedicam às artes) não consigo viver da arte. Também uso essa frase quando percebo que, dentro do teatro, faço “um pouco de tudo”: atuo, conto histórias, dirijo, sou professora, etc.

² As bibliotecas públicas devem estar conscientes das mudanças culturais, sociais e econômicas que ocorrem na comunidade e devem desenvolver serviços que sejam suficientemente flexíveis para se ajustarem a essas mudanças. (...) A biblioteca pública, ao organizar atividades e explorar os seus recursos, deve estimular o desenvolvimento artístico e cultural em pessoas de todas as idades. (Koomtz & Gubbin, 2013, p. 41).

radioteatro e um Clube de Leitura sobre contos de terror, onde o trabalho final foi a criação, por parte das crianças, de figurinos para personagens de medo.

Figura 1 - Gravação de Radioteatro



Fonte: arquivos da autora.

Figura 2 - Crianças do Club de Leitura com os figurinos que eles mesmo desenharam.



Fonte: arquivos da autora.

A experiência me deixou uma bagagem de conhecimento sobre os livros e a literatura infantil, e suas possibilidades como mote criativa para processos dentro das Artes Cênicas.

Na atualidade, leciono uma matéria chamada “Arte e Movimento” na Educação Infantil de uma escola particular. Nessa matéria, trabalho com a contação de histórias, a mediação de livros, a expressão corporal e o teatro, com todas as turmas, desde o Berçário I até o Jardim II³, e percebo que o objeto livro sempre oferece várias possibilidades criativas que levam as crianças a mexerem o corpo. Parece irônico que um objeto pensado para ser contemplado realmente estimule a organização do corpo, mas não só na manipulação do livro observo o estímulo à movimentação corporal: como as imagens abrem possibilidades de imitação e criação de histórias, os textos também permitem improvisações e novas brincadeiras.

³ Também leciono a matéria de Teatro no Ensino Fundamental I.

Um último ponto que me inspirou a fazer esta proposta é perceber o pouco conhecimento que têm as professoras e professores que convivo (pedagogos e de matérias específicas) do mundo do livro. Percebo uma tendência em usar a literatura só com objetivos pedagógicos, além de trabalhar em geral com histórias já conhecidas, esquecendo que a literatura, as imagens e o próprio livro são arte, e como tal tem sua função por si mesmas.

Proponho um leque de livros possíveis para abrir estas brincadeiras, e a cada livro uma planificação de atividades. Não fiz recomendações por idade nem, como escrito anteriormente, por tipo de uso pedagógico, e sim, deixar ao olhar de quem lê as possibilidades de aplicação.

Quando comecei a pensar esta experiência como possibilidade de trabalho acadêmico, tive que refletir sobre qual era o objetivo deste escrito. O primeiro pensamento foi sobre a necessidade de sistematizar esse trabalho, e logo em mostrar para mais docentes, seja de teatro ou professoras de sala, as possibilidades que o livro-álbum nos permite. Este trabalho de sistematização começou sendo uma necessidade pessoal de registrar uma prática que venho desenvolvendo no dia a dia, e que progressivamente vai tomando forma de uma metodologia que parte do livro e chega ao teatro. Telles coloca:

Sempre que estamos envolvidos em uma experiência não temos conhecimento a priori das coisas que só se apresentam após experienciadas, ou seja, após a experiência possuímos um saber abrangente sobre aquele fenômeno antes desconhecido (Telles, 2018, p. 1).

Acredito já ter um tempo significativo de experiência na aplicação deste tipo de atividades, partir de um livro e criar uma experiência de teatro, que me permite neste momento colocar no papel estas atividades.

Como objetivo geral deste trabalho proponho “Compreender as possibilidades do livro-álbum como objeto brincante; e incentivar as/os professores a levar o livro-álbum para as aulas com crianças pequenas”. No Capítulo 2 descrevi exemplos de atividades já idealizadas e realizadas por mim a partir de livros-álbum, tendo como objetivo despertar o olhar para as experiências teatrais, sem propor-se a ser um manual de atividades. A partir deste objetivo geral vamos pensar os objetivos específicos.

Principalmente desejo que: nos encantemos com as histórias, nos deslumbremos com a variedade de desenhos que apresentam, e que possamos pensá-lo como objeto através de seus diferentes formatos.

Gostaria que a leitura deste trabalho fosse acompanhada dos livros físicos ao lado, para que a vivência de “se apaixonar” pelos livros e descobrir suas possibilidades lúdicas seja completa, mas como é difícil de isso acontecer, deixo como sugestão procurar os livros que eu proponho ou fazer uma pesquisa sobre livros-álbum e ir a uma biblioteca para conhecê-los.

Nas minhas práticas, observo que o uso do livro é visto quase como uma obrigação, e na maioria das vezes, é pensado como ou para deixar um aprendizado. Na minha experiência, dentro da educação não se conhece todo o potencial desse material. As capacitações para docentes sobre livro e literatura na Educação Infantil estão focadas na alfabetização; porém, existem grupos de pesquisadores tentando que se compreenda o livro e a literatura como uma arte em si e não como uma “história para...”, e estes são os que mais me inspiram. No levantamento bibliográfico, não foram achados trabalhos de pesquisa onde o livro seja um objeto que sirva como ponto de partida de uma aula de teatro, e que possa demonstrar todo o potencial que ele tem.

No texto *Pequeno e despretenso guia para a confecção de projetos de pesquisa*, Álvaro Bianchi, na seção de Metodologia, diz: “A pergunta chave que deve ser respondida aqui é “como será realizada a pesquisa?” (Biancho, 2003, p. 8). Então respondo: as fontes de informação foram as próprias experiências passadas. Também utilizei o auxílio de bibliografia sobre mediação de leitura, livro-álbum, ateliê e criança pequena/criança-performer. Para exemplificar esta pesquisa, as experiências colocadas serão acompanhadas de fotografias e histórias pessoais sobre as experiências.

Este trabalho está dividido em dois Capítulos. No primeiro, apresentarei os conceitos que me auxiliam como Marco Teórico, e no segundo a descrição dos livros-álbum, com suas propostas de atividades, além das minhas apreciações.

No Capítulo 1, começo colocando o foco nos conceitos de Livro-álbum e Mediação de Leitura, já que acredito serem necessários para a compreensão das atividades que venho a apresentar e por serem eles os que me acompanham desde minhas práticas trabalhando em biblioteca. Logo contarei para o/a leitor/a como cheguei na Educação Infantil e trabalhei com minha bagagem de conhecimentos sobre o mundo da literatura infantil⁴. Na Educação Infantil conheci o conceito de Ateliê criado por Loris Malaguzzi, nas escolas de Reggio Emilia, o qual abriu possibilidades para pensar o espaço dentro da instituição escola.

Alguns destes conceitos foram encontrados após desenvolver a parte prática, como necessidade de teorizar este trabalho essencialmente prático. Esses conceitos são o de Criança Pequena e de Criança-Performer de Marina M. Marcondes.

O Capítulo 2 é em si o trabalho que venho a apresentar. Os livros-álbum que vão conhecer junto às minhas propostas são: *Diário do Capitão Arsênio*⁵, do autor e ilustrador argentino

⁴ Que não se restringe ao livro-álbum, e da qual tenho muito conhecimento.

⁵ <https://pt.slideshare.net/equipedeensino/o-diario-do-capitao-arsenio>.

Pablo Bernasconi; *Aperte aqui*⁶, do autor e ilustrador Hervé Tullet; *Livro Clap*⁷, da autora e ilustradora Madalena Matoso; *Ter um patinho é útil*⁸, da autora e ilustradora Isol; e *A visita*⁹, da autora e ilustradora Antje Damm. Neste capítulo o/a leitor/a poderá conhecer um pouco mais sobre cada livro-álbum, conhecer minha proposta de brincadeiras que eu desenvolvi ao longo da minha experiência na sala de aula e imagens das experiências. Lembrando, antes de terminar esta introdução, que tais experiências podem ser levadas para as crianças como eu proponho, mas que acredito ser de mais valor, tomá-las como inspiração para criar as suas próprias experiências.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=FLaoDMIPhI>.

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=KZDxKSFSETw>.

⁸ <https://vimeo.com/446498310>.

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=HENjJk49Y5s&list=PLEi49vKmUD9bOEMG2xSH7QrKmXT2QVEiM&index=>.

Capítulo 1 - Marco Teórico

1.1 Minha história com os livros-álbum para crianças

Fui uma criança criada entre livros; meu quarto, quando criança, tinha uma pequena estante com livros, e assim foi por toda minha vida: livros por todas as partes. Alguns livros marcaram minha infância. Minha mãe e meu avô são *designers* gráficos¹⁰, e as imagens nos livros sempre foram temas de conversa familiar. Bibliotecas sempre foram parte dos meus passeios e escutar Contadores/as de Histórias está ligado diretamente às minhas lembranças de infância.

No ano de 2018, comecei a trabalhar na biblioteca da cidade onde morava. Trabalhava como encarregada do Setor Infantil e, entre as tarefas realizadas, uma que levava muito tempo era a de assessorar as professoras e estudantes de Pedagogia¹¹ de Ensino Inicial. A procura do livro sempre estava marcada pela necessidade “pedagógica”: um livro para *falar sobre...*, e o que viria depois poderia variar desde “falar sobre mentiras”, “tirar as fraldas” ou “introduzir as abelhas”. Mas algo em comum era que ninguém pedia um livro só para ser lido, para compartilhar a história.

Nesse mesmo ano, também comecei uma oficina de Contadores de Histórias, e pensar na Literatura e nos livros como recursos cênicos foi um momento marcante; começar a observar o que o objeto livro podia gerar foi uma descoberta para minha vida de artista e logo, para minha vida como professora.

1.2 O livro-álbum

A imaginação absorve tudo, o cognitivo, o expressivo, o sentimento, a lembrança, as escolhas que nos pertencem... Temos que destruir a imagem simplificada de um objeto, temos que complicar o mundo... a imaginação é arte e ciência, pois multiplica os significados de um objeto, de um acontecimento, de uma palavra (Malaguzzi, 1999, p. 63).

Durante os 8 anos em que trabalhei na biblioteca, tive acesso e me aprofundei no mundo da Literatura e dos livros para crianças, conhecendo sua história, sua teoria e tendo acesso a

¹⁰ Meu avô criava capas de discos e livros, e minha mãe trabalhou por muitos anos na editora Santillana (atual Moderna) na área de livros escolares.

¹¹ Na Argentina, o curso de Pedagogia é um curso técnico e está dividido. Existe um curso específico para Professor/a de Educação Infantil e outro para Professor/a de Educação Fundamental.

todas as novidades¹², já que a compra de livros era constante. No mundo do livro infantil, era tendência naquele momento o livro-álbum¹³. Citando a Carla Teixeira, o livro-álbum:

Apresenta duas formas privilegiadas de comunicação que se conjugam: a linguagem e a ilustração. Frequentemente, estas são designadas de verbal e de não-verbal, o que evidencia a relevância civilizacional do verbal perante qualquer outra estratégia comunicativa (Teixeira, 2021, p. 120).

Por esta razão, a escolha de limitar esta pesquisa ao trabalho com o livro-álbum se baseia neste conceito de Teixeira: o livro-álbum dá a possibilidade de nutrir a criatividade da criança a partir da palavra e da imagem, compreendendo que, para construir a mensagem, é necessária a mistura de ambos, mas é possível escolher somente uma como ponto de partida para a criação. Da minha experiência, posso afirmar que existem crianças que tomam do livro somente uma das partes, e outras que tomam ambas.

Desde a mais tenra infância há a formação de um repertório cultural que todos carregam consigo. No caso da educação formal é fundamental que os repertórios das crianças sejam respeitados e ampliados, desde a Educação Infantil. Repetições, modelos, cópias e estereotípias devem ser evitadas (Cordeiro, 2023, p. 168).

A escola não deve esquecer que as crianças pequenas, de 0 a 6 anos¹⁴, são construtoras de sentido, e apresentar variedade de livros deve ser um objetivo cotidiano: livros de diferentes formatos, materiais, desenhos, com palavras, sem palavras.

1.3 A Mediação de Leitura

Nesses anos, também comecei a compreender o lugar da pessoa que oferece o livro, ou da pessoa que lê o livro, como o mesmo da pessoa que conta uma história¹⁵, e separar os objetivos dessas leituras: temos mães e pais na intimidade da sua casa lendo, temos professoras/es lendo para seus alunos para depois realizar uma atividade, temos contadores de histórias usando um livro para um momento artístico, além de várias outras configurações possíveis. Para este trabalho, vamos utilizar o conceito de Mediação de Leitura, que vem sempre

¹² A biblioteca onde trabalhava é municipal – e por isso conta com os recursos da prefeitura – e é popular. As bibliotecas populares são “uma associação civil autônoma criada pela iniciativa da comunidade. Oferece serviços e espaços de consulta, expressão e desenvolvimento de atividades culturais, de leitura e do livro em forma ampla, livre e pluralista. As Bibliotecas Populares são dirigidas e financiadas pelos seus associados e associadas e oferecem informação, educação e recreação, mediante seu acervo, o qual está aberto ao público.” (CONABIP, s/a).

¹³ Este tipo de livro é usado também, já desde muitos anos, como formato para literatura de adultos.

¹⁴ Definirei Criança Pequena no ponto 1.2.2. deste capítulo.

¹⁵ Nas oficinas com estudantes de Pedagogia, essa reflexão estava sempre presente. Uma vez, uma estudante, que já era mãe, comentou em uma roda de conversa: “eu conto histórias para minha filha para deixar boas lembranças na vida dela”, e eu achei esse pensamento maravilhoso, porque acredito que é esse um dos motivos pelo que as pessoas fazem arte.

acompanhado do conceito de Mediador/a de Leitura, já que para que aconteça a mediação precisamos do agente que a executa. O primeiro olhar sobre a Mediação vem das palavras do especialista em mediação e pedagogo Beto Silva, que, em entrevista com Renata de Oliveira Moreira, em seu texto *Sobre os fios das narrativas que entrelaçam encontros: A personagem Sherazade como inspiração para a mediação de leitura*, responde à pergunta: o que é mediação de leitura para você? E o que não é?, dizendo:

A mediação de leitura é uma prática no meio de tantas outras que valorizam o livro o ato de fazer a transmissão vocal do texto e a presencialidade de uma pessoa, que a gente denomina mediador de leitura, que permite a interlocução entre as pessoas que escutam e os livros que ele oferta ou os livros que são escolhidos pelos ouvintes. A mediação de leitura tem uma clareza de que trabalha fomentando a cultura da escrita, por isso o mediador sempre lê o livro. Ele não narra e não conta. Ele lê respeitando a maneira como um livro foi concebido enquanto objeto de arte. Ele também dá condição para que as pessoas que estão assistindo ou estão presentes na situação de mediação de leitura tenham acesso às ilustrações que compõem o livro (Oliveira, 2022, p. 49).

Considero interessante para quem vai trabalhar com os livros se aprofundar na técnica de Mediação de Leitura, que é diferente de uma contação ou de uma narração de histórias. Em palavras de Silva: “A sessão de mediação de leitura sempre acontece com o encontro de uma Triade: é necessário que exista o livro que é o elo entre o mediador de leitura e os ouvintes” (Oliveira, 2022, p. 51). Quando lemos um livro para uma criança, devemos ter a consciência de que ela é inteligente e é capaz de fazer suas próprias leituras, e expressa seu interesse a partir da brincadeira; compreendemos a criança como criadora de significado, e o mediador como quem dá a voz ao livro.

O momento de leitura sempre é uma surpresa para mim, e me disponho a vivenciar o que pode chegar a acontecer: com bebês e crianças que ainda não falam, é comum querer tocar o livro, ou subir em mim, ou fechar o livro; com crianças um pouco maiores, é normal elas intervirem na minha leitura, dizer o que tem nas imagens ou ir contando se já conhecem a história. Aprendi em um curso de Mediação de Leitura com Beto Silva que, quando uma criança fecha o livro que está em nossas mãos, podemos experimentar não continuar a falar, como se “fechar o livro fizesse que fechasse o som”; fazer um silêncio, abrir o livro de novo e continuar com a leitura, e repetir essas ações cada vez que as crianças interagem conosco. A criança começa a perceber que a história tem realmente uma conexão com esse objeto, e aprende que a história vem de lá dentro. Beto Silva fala sobre “emprestar a voz para que o livro fale”.

Neste trabalho, apresentarei o conceito de Ateliê para pensar o momento logo depois da Mediação de Leitura: o momento das crianças brincando livres e criando. Porém, devemos

pensar também o momento da leitura, como de criação por parte das crianças e não um momento de contemplação e pura escuta. Elas estão criando seus próprios significados, para logo colocarem na brincadeira. É sempre cheio de movimento: não devemos pretender que as crianças pequenas fiquem sentadas assistindo a leitura do começo ao fim, já que elas vão ir e vir, perguntar, falar. Não deve ser o objetivo deste momento o silêncio e a quietude; o objetivo deve ser um momento de encontro, e de começo da brincadeira¹⁶.

1.4 Como cheguei até a Educação Infantil.

No ano de 2018, voltei a morar no Brasil, na cidade de Piracicaba, interior de São Paulo¹⁷. Agora já era mãe de duas crianças, uma menina de 5 anos e um menino de 2 anos. Conseguimos uma vaga em uma escola pública para minha filha, mas não conseguíamos vaga para o menor, e, dessa forma, começamos a recorrer escolas particulares. Assim, chegamos à escola Espaço Cirandarte, onde fomos muito bem acolhidos, e depois de três meses a diretora da escola me propôs trabalhar na escola como professora de teatro e Contação de Histórias. O leitor talvez encontrará todo este relato insignificante, mas para mim é necessário, porque demonstra uma realidade de vida, e a origem deste trabalho de pesquisa é minha realidade. Sem nenhuma das circunstâncias que relato, acredito que nunca teria desenvolvido esta prática.

Eu nunca havia trabalhado com crianças pequenas, o que me causava muito medo, mas devido à necessidade, aceitei o trabalho. A partir desse ano, e até a atualidade (ainda sou professora da escola), meu caminho de aprendizagem foi maravilhoso, e descobri a Educação Infantil, com todas as suas peculiaridades. Minha matéria se chama Arte e Movimento, onde misturo Contação de Histórias, Expressão Corporal e Teatro, e leciono para todas as turmas da escola, do Berçário I até o Jardim II¹⁸. Nas minhas práticas, meu olhar precisa estar bem acordado, já que não existem receitas do que vai acontecer.

1.5 Ateliê

Pesquisando metodologias dentro da Educação Infantil com a orientação da diretora da escola, encontrei o conceito de Ateliê:

¹⁶ Quando leio o *Livro Clap*, movimento-o como as figuras que aparecem no livro: por exemplo, na imagem da borboleta, faço o livro “voar como borboleta”.

¹⁷ Eu havia morado em Tatuí, SP, entre os anos de 2008 e 2009.

¹⁸ Na atualidade, a escola tem turmas até o segundo ano do Fundamental I, onde leciono a matéria de Teatro, mas essas práticas não estão dentro deste trabalho de pesquisa.

Os ateliês, desse modo, configuram-se num espaço para o uso e a combinação das diferentes linguagens, um lugar que provoca complexas relações e que oferece um amplo repertório de ferramentas para o pensamento. (...) Na verdade, é um local onde as diferentes linguagens das crianças podem ser exploradas por elas; um espaço no qual diferentes técnicas, modalidades e materiais são escolhidos pelas crianças ou sugeridos pelos professores para a construção e a documentação da atmosfera das experiências infantis (Silveira B. & Fochi, 2011, p. 31).

Conheci o livro *As Cem Linguagens da Criança: Volume 1: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*¹⁹ no fim do 2018, e fiquei apaixonada pela abordagem criada por Loris Malaguzzi, mas não encontrei conceitos relacionados ao teatro. Na leitura para este trabalho, encontrei um artigo de Maria Carmen Silveira Barbosa e Paulo Fochi: *O Teatro e os bebês: Trajetórias possíveis para uma Pedagogia com Crianças Pequenas*. Acredito na abordagem do Ateliê, onde o adulto cria o espaço, escolhe o material (em meu trabalho, o livro), possibilita uma abertura (lê o livro) e permite à criança brincar livremente com o espaço preparado. Logo observa e volta a propor. É este o tipo de trabalho que venho desenvolvendo em sala de aula.

Uma das minhas preocupações, no início, era sobre qual deveria ser a postura e o espaço do/a professor/a no momento em que as crianças estão realizando suas próprias pesquisas, e instintivamente fui experimentando com diferentes formas: ficar em um canto sem intervir, só arrumar o material enquanto elas brincam, ir jogando perguntas ou propor pequenas coisas, brincar junto a eles e elas, etc. Mas realmente não existe uma receita:

Além disso, é interessante pensarmos sobre as nossas posturas diante das propostas que apresentamos às crianças, expressas em nossos corpos como professores e modelos que somos. Principalmente se tratando de situações novas ou não habituais é comum as expressões de estranhamento ou mesmo de recusa do novo pelas crianças e o papel do professor é de acolher e mediar essas atitudes. Da mesma maneira, ao brincar com as crianças, os adultos também rememoram as experiências de sua infância e estreitam os vínculos afetivos com elas (Correa & Araujo, p. 83).

Acrescento este trecho de Correa e Araújo do texto *Hoje tem espetáculo? tem! sim, senhor! dança, teatro e brincadeira na educação infantil*, porque ele me permite exemplificar esse espaço do/a professor/a, já que se assemelha ao conceito de atelierista, sendo reflexões da posição do adulto, em como ele vivencia e como habilita a brincadeira/pesquisa/criação para as crianças:

No ateliê como um espaço de pesquisa, conhecimento e experimentação, o educador é um mediador que prepara com intencionalidade o espaço e os materiais para a exploração, faz boas perguntas e comentários que ajudam a criança a pensar; cria novas possibilidades, observa e escuta como a criança se relaciona com os espaços, os materiais e as pessoas, como acontecem os processos e as pesquisas. (...) o professor e as crianças são protagonistas, autores, criativos, capazes, autônomos de suas experiências. Um nutre o outro. (...) É preciso

19 Somente em 2022 tive acesso à parte II.

lembrar que embora projetamos, as crianças nos surpreendem com suas ações no encontro das crianças com os materiais, os espaços e as pessoas. Precisamos estar abertos a escuta, atentos durante a observação, inteiros para viver junto, curiosos por descobrir, assim vamos colhendo evidências do que pode se tornar potencial de aprendizagem. (Chanan, 2021).

No texto de Silveira Barbosa e Fochi, relata-se uma experiência de teatro e ateliê em Bolonha (na região da Itália onde surgiram as escolas que desenvolveram esta metodologia) que nos auxilia a compreender que esse tipo de abordagem pode ser utilizado em várias oportunidades, e colocando-as também como vivências teatrais. Sobre o ateliê de teatro para crianças, os autores colocam que é um:

lugar para experimentar a linguagem teatral, onde o adulto oferece uma narrativa e, por intermédio dela, propõe-se à descoberta do uso de gestos teatrais, movimentos, olhares, palavras, sons e o contato com diversos materiais. As crianças entram nos jogos teatrais para explorar e tocar, reelaborando imediatamente, se desejarem, o que receberam. (Silveira B. & Fochi, 2011, p. 37)

Na prática relatada neste trabalho a narrativa vem do livro-álbum apresentado. Mas não são só as crianças que entram na brincadeira, o ateliê é:

[...] um lugar de fazer e fazer juntos, um momento de relação interpessoal e de colaboração construtiva. O adulto se coloca à frente das crianças disponível a se comunicar com elas, as encoraja e as mantém sem precisar forçar e sem dirigir muito, mas com a intenção de manter o clima e atmosfera da comunicação teatral (Silveira B. & Fochi, 2011, p. 37).

Vejo de muita importância o olhar do adulto nos momentos de brincadeiras teatrais, já que é quem coloca o olhar de que a brincadeira que está acontecendo é uma atividade teatral e não somente uma brincadeira das crianças.

O ateliê teatral parte, assim, da crença de uma forma plural da criança se comunicar com o mundo, de dizer algo de si num ambiente que lhe convide, sem obrigá-la. Ao permitirmos experiências para expressar seus sentimentos e suas sensações, por meio do próprio corpo, estamos proporcionando o instrumento ideal para que a criança se comunique com o mundo exterior, o qual vai, aos poucos, tornando-se significativo para ela (Silveira B. & Fochi, 2011, p. 36).

São essas ideias que devemos levar para a experimentação e que servem para nos pensar como adultos nessa situação lúdica. A experimentação já está inclusa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos Campos de Experiências. Especificamente, no campo *Traços, sons, cores e formas*, é explicado que:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para

que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas (BRASIL, 2018, p. 40).

Para terminar esta seção, acredito que seja relevante compreender o momento de experimentação: deve ser planejado, observado com um olhar aberto, e deve ser um espaço que possa ser apropriado pelas crianças.

1.6 Criança Pequena e Criança Performer

Quando decidi escrever esta prática como meu trabalho final de graduação, comecei a pensar realmente os marcos teóricos que poderiam acompanhá-lo²⁰. Eu já sabia que minha prática estava dentro da Mediação de Leitura e que o que acontecia poderia ser visto como uma prática de Ateliê, mas me faltava algum conceito mais ligado ao Teatro. Através das conversas com meu tutor, veio sua sugestão de utilizar o conceito de Criança Performer. Dessa maneira, eu achei importante primeiramente definir quais crianças entrariam neste trabalho, e elas são as Crianças Pequenas, já que este trabalho é sobre uma prática com crianças no Ensino Infantil, e achei importante, em lugar de uma idade específica, delimitar um momento da vida.

Para definir Criança Pequena, tomo do texto *A criança é performer*, de Maria Marcondes Machado sua visão sobre o conceito do filósofo Merleau-Ponty:

[...] o ponto de vista da criança pequena será sempre não-representacional, onírico (nas palavras do adulto) e polimorfo – e, portanto, bem diverso do nosso. Isso nos leva ao encontro de uma criança que se mostra plástica, maleável, imaginativa; que convive conosco, mas transita por outra lógica, outros modos de pensar, sentir e agir. É importante ressaltar que Merleau-Ponty não pensa a partir de “faixas etárias” e sua discussão gira em torno da criança de zero a seis anos, a quem ele nomeia, ao longo da obra, “a criança pequena” (Machado, 2010, p. 119).

Ter encontrado Criança Pequena como conceito foi fundamental, já que os livros-álbum propostos não são enquadrados em faixa etária. Eu tenho como princípio de que as Artes não têm idade. Também acredito que é importante respeitar as crianças como sujeitos de suas próprias histórias, que vivenciam o mundo desde outra perspectiva; as crianças são capazes de serem performers:

No campo da linguagem teatral, podemos dizer que reconhecer a criança como “performer” é dar a ela oportunidades de diferentes materiais e composições é o

²⁰ Devo confessar ao/a leitor/a que teorizar nunca foi uma tarefa fácil para mim.

caminho para iniciá-la no fazer artístico e na apreciação estética – sem forçá-la a apresentações, ensaios e compromissos formais: homenagem ao work in process! (Machado, 2010, p. 120).

Depois de uma leitura de livro-álbum, no momento de Ateliê, o livro fica disponível para as crianças, e nesse momento o objeto livro já vira um objeto para performar: as crianças leem para outras crianças na mesma posição que observaram que eu li para eles. Esse momento também está acompanhado de materiais (patinhos de plásticos, tecidos, etc), e é com eles que as crianças brincam/performam. Depois da leitura do livro-álbum *Ter um Patinho é Util*, deixo o livro-álbum sanfonado todo esticado no chão e dou para cada criança um patinho de plástico; sem nenhuma orientação de minha parte, as crianças pequenas vão observando as imagens, colocando o patinho na parte da cabeça igual à que estão observando, e depois acontecem várias situações criativas: por exemplo, uma criança colocou na cabeça e começou a tentar caminhar fazendo equilíbrio, enquanto outra colocou o patinho na boca e fazia caretas para assustar ao resto da turma.

Olhar as brincadeiras das crianças a partir deste conceito de criança performer nos dá a possibilidade de observar o que acontece no momento de Ateliê como uma atividade teatral. Voltamos a Marina Marcondes Machado, atriz, diretora, professora de teatro e Doutora em Psicologia da Educação e lemos em suas práticas algo que pode ser entendido como uma prática de Ateliê:

Em minha experiência de quase vinte anos no ensino do teatro para crianças especialmente focada na faixa etária dos cinco e seis anos, percebi que seus modos de ser e de estar no mundo ganhavam espaço, vitalidade e inúmeras possibilidades expressivas quando lhes era oferecido um ambiente composto por contextos sensíveis, inteligentes, vivos (Machado, 2010, p. 117).

E é isso que observamos nas práticas de Ateliê, um ambiente sensível, inteligente, vivo, pensado para que as vivências das crianças sejam significativas.

Para definir as crianças com quem compartilho esta prática teatral, poderia dizer que para as crianças pequenas todo tipo de aventura é possível; são crianças onde o faz de conta se vivencia plenamente. As crianças pequenas são performers quando o tecido vira figurino ou a casa da vovozinha, são performers quando escutam uma música e vão procurar outro/a colega e giram e cantam e olham para mim rindo, neles observo uma cena teatral. As crianças pequenas criam mundos, histórias, personagens nas suas brincadeiras do dia a dia, e é o olhar do adulto quem transforma esses momentos em uma vivência teatral.

Convido ao leitor e à leitora a juntar estes conceitos para compreender minha prática no Capítulo II deste trabalho. Neste primeiro capítulo, partimos de um/uma Mediador/a de Leitura que lê um livro-álbum para um grupo de crianças pequenas, para logo preparar um espaço de

Ateliê com alguma proposta baseada no livro; nesse processo, as crianças brincam, transformando essa brincadeira em uma prática teatral. No próximo capítulo, veremos como estes conceitos são aplicados na prática.

Capítulo 2 - Chegou o momento de brincar

Neste capítulo, apresento o registro de algumas atividades realizadas com livros-álbum, livros onde precisamos do texto e da imagem para compreender a mensagem. Como o/a leitor/a poderá perceber, eu escolhi manter a mesma sequência: primeiro a leitura do livro, depois as atividades, e, por último, fecho minhas aulas com uma roda de conversa. Já realizei algumas tentativas de mudar essa sequência, mas com as crianças pequenas, manter uma rotina de trabalho ajuda com a concentração, e também ocorre que, quando já estão no momento da brincadeira, parar essa atividade tão valiosa para voltar a colocar a leitura termina cortando as possibilidades criativas. Isto escapa do conceito de Ateliê, lembrando que o ateliê é:

[...] um local onde as diferentes linguagens das crianças podem ser exploradas por elas; um espaço no qual diferentes técnicas, modalidades e materiais são escolhidos pelas crianças ou sugeridos pelos professores para a construção e a documentação da atmosfera das experiências infantis (Silveira B. & Fochi, 2011, p. 31).

Por isso, as aulas começam com a leitura do livro-álbum e este é o momento no qual nos servimos da Mediação de Leitura para permitir-nos compreender o lugar de quem está contando/lendo e a relação que se estabelece entre quem conta e quem escuta:

É uma situação triangular, que envolve um encontro entre criança, mediador e obra literária. Pressupõe uma criança entendida como criadora de sentidos, capaz de sentir significados; o mediador como presença que dá voz ao texto literário e dispõe seu olhar e escuta para convidar à interação e acolher as diferentes leituras; e o livro de literatura infantil, como objeto cultural que constrói narrativas com seu texto, imagens e design, também chamado de livro-álbum (ITAU SOCIAL, S/A, p. 5).

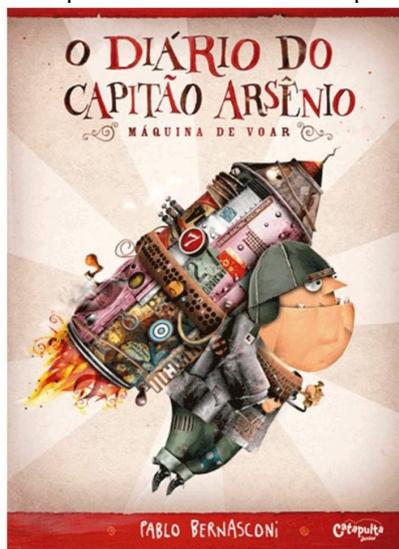
O segundo momento da aula está inserido dentro do conceito de Ateliê: o espaço preparado para que as crianças explorem e brinquem. E é nesse momento que quem está observando pode colocar suas intervenções a partir do olhar para o encontro. É por isso que as atividades aqui propostas são resultados de meu olhar, construído ao longo de 6 anos, mas que cada grupo modifica. Para fechar cada encontro, acredito que uma roda de conversa sempre é necessária. Nesta roda o/a professor/a pode colocar perguntas sobre o que as crianças observaram, fazer uma revisão sobre tudo o que aconteceu durante a aula ou simplesmente deixar as crianças falarem.

Eu estou apresentando possibilidades de trabalho para serem desenvolvidas em uma aula, mas a maioria leva mais tempo que uma hora-aula de escola; algumas destas atividades podem até se tornarem um projeto de sala se a escola utilizar como metodologia a Pedagogia por Projeto, inclusive.

2.1 A hora dos livros

2.1.1 Diário do Capitão Arsênio²¹

Figura 3 - Capa do livro O Diário do Capitão Arsênio



Fonte: Bernasconi, 2020.

O Diário do Capitão Arsênio, do autor e ilustrador Pablo Bernasconi²², é um livro que permite a abertura a várias brincadeiras. Nele, o Capitão Arsênio faz os registros das primeiras provas que ele faz com diversas máquinas de voar que ele mesmo cria.

O Diário do Capitão Arsênio foi descoberto por acaso. Escrito durante a década de 1780, é o texto sobre aviação mais valioso e antigo sobre o qual temos conhecimento - depois, é claro, dos textos de Leonardo da Vinci. Suas páginas estão repletas de rascunhos, rabiscos e anotações técnicas sobre diferentes máquinas de voo. São projetos simples, exatos, insensatos e prodigiosos. Deixamos a critério do leitor, com os pés bem firmes no chão, mas com a cabeça nas nuvens, decidir se essas tentativas se tornaram sucessos ou fracassos (Catapulta Editores online).

Este livro não precisa ser lido completo: o/a mediador/a pode narrar a primeira e última parte da história, e escolher três máquinas. As atividades com este livro incentivam a criatividade, a oralidade e a imaginação, e o uso de objetos.

²¹ Para conhecer o livro: <https://pt.slideshare.net/equipedeensino/o-diario-do-capitao-arsenio>

²² <https://www.pablobernasconi.com.ar/>

Figuras 4 - Momento de conversa depois da leitura do livro



Fonte: figura da autora.

Figura 5 - Máquina voadora com objetos usados nas aulas de Educação Física, da quadra fechada da escola.



Fonte: arquivos da autora.

Figura 6 - Dia de apresentação das Máquinas voadoras.



Fonte: arquivos da autora.

A voar!

Figuras 7, 8, 9 - Algumas das máquinas voadoras criadas pelo Capitão Arsênio



Fonte: Bernasconi, 2020.

Começo com uma roda de conversa sobre as máquinas voadoras que conhecem, e também recorro ao grupo que, na época do Capitão Arsênio, ainda não existiam os aviões. No momento de Mediação de Leitura, escolho não ler todo o livro. Por ser um livro com muitas imagens, dou preferência a que as crianças tenham tempo de observá-las enquanto eu leio. Escolho sempre três máquinas, variando-as com o objetivo de tornar o momento divertido para mim: peço para as crianças que acompanhem a leitura e gesticulo muito. Tenho gestos para Arsênio decolando, para Arsênio voando, e, claro, para Arsênio caindo.

No espaço de *Ateliê*, posso ter preparado o espaço com objetos ou aproveitar o que já está presente na sala de aula. Peço para as crianças criarem suas próprias máquinas. Para fechar a aula, cada criança apresenta para a turma sua máquina, e aproveito para colocar alguns conceitos de espaço de apresentação: olhar para o público, falar um pouco mais devagar.

O/a professor/a poderá avaliar o processo e o envolvimento das crianças em cada etapa. Outro ponto possível de avaliar é a apresentação oral da máquina, com enfoque no desenvolvimento da oralidade.

Em cada atividade, seja depois da leitura do livro ou no final da aula, gosto de habilitar uma proposta de conversa. Já recebi alguns questionamentos sobre a impossibilidade de realizar esse tipo de atividades com crianças pequenas. Por isto venho aqui com a necessidade de dizer que sim, é possível. Claramente, não vamos ter uma resposta e uma conversa sobre o tema, como com crianças mais velhas, mas as crianças pequenas escutam, reflexionam e levam para suas brincadeiras o que escutaram e compreenderam. Então é preciso voltar sempre ao conceito de Merleau-Ponty citado nos diversos trabalhos da Marina Machado sobre criança pequena: “o ponto de vista da criança pequena será sempre não-representacional, onírico (nas palavras do adulto) e polimorfo – e, portanto, bem diverso do nosso” (Machado, 2010, p. 119).

As fotografias aqui colocadas correspondem a uma experiência com um grupo de Jardim II²³ no ano de 2021, no semestre que a escola voltou ao ensino presencial, depois da pandemia²⁴, e tínhamos a necessidade de continuar trabalhando com distanciamento. O trabalho durou vários meses, uma vez que acrescentei à atividade o desenho dos protótipos das máquinas e sua realização, que foi justificada dentro das aulas de teatro como a realização de objetos cênicos. De acordo com Patrice Pavis, “[...] por objeto entendemos tudo o que pode ser manipulado pelo ator” (Pavis, 1996, p. 174), e desta forma transformamos um objeto brincante em um objeto com outro espaço dentro das aulas de teatro, justificando uma vez mais esta metodologia como uma prática teatral.

Figura 10 - Desenho do protótipo, e construção de uma das máquinas voadoras



Fonte: arquivos da autora.

Em roda de conversa, várias crianças manifestaram seu desejo de apresentar para as famílias, mas, junto à escola, avaliamos que ainda não era o momento para fazer isso presencialmente com muitas pessoas, e por isso o trabalho foi gravado em vídeo e logo enviado para as famílias.

O dia da apresentação foi um momento mágico para as crianças, porque elas tinham uma relação especial com suas máquinas voadoras e podiam apresentá-las sem sentir vergonha, pois conheciam como suas máquinas funcionavam.

23 Na escola que trabalho, o nome dos grupos é diferente, mas, para melhor compreensão, vou utilizar os nomes oficiais.

24 No ano de 2020, em decorrência da pandemia de Covid-19 e a obrigatoriedade do isolamento, começamos a dar aulas de forma online. No segundo semestre do 2021, muitas escolas voltaram com a educação presencial, sem mais possibilidade de aulas online. Foi o caso da escola onde trabalho, mas voltamos com várias medidas de segurança: máscara, uso de álcool em gel e distanciamento em todas as atividades.

2.1.2 Aperte Aqui²⁵

Figura 11 - Capa do livro Aperte Aqui



Fonte: Hervé Tullet.

Este livro-álbum do autor e ilustrador Hervé Tullet²⁶ entra também na categoria de livro interativo, que são aqueles livros que convidam “[...] a criança a explorar com as mãos -elas amam!- e com a imaginação. Muitos deles sugerem que as ações das crianças, como virar a página, tocar um desenho ou fazer um som, interferem na história” (Blog da Letrinhas online, 2019):

A brincadeira começa com uma bola amarela no centro de uma página branca e um convite: aperte a bola e vire a página... Como num passe de mágica, surgem duas bolas na página seguinte. A partir daí, novos convites e novas surpresas aparecem a cada página, nesta obra que faz uma implícita alusão ao universo eletrônico dos tablets (Coletivo Leitor online).

²⁵ Para conhecer o livro: <https://www.youtube.com/watch?v=FLaoDMIPHhI>.

²⁶ <https://www.herve-tullet.com/en>.

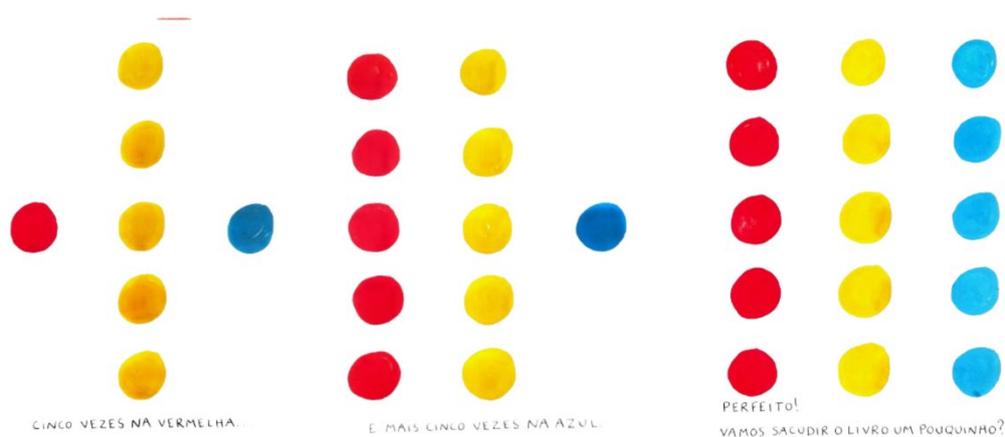
Figura 12 - Vicente, com 2 anos, convidando a quem está escutando a apertar na bolinha amarela



Fonte: arquivos da autora.

Uma bolinha brincalhona.

Figura 13 - Páginas do livro Aperte Aqui



Fonte: Hervé Tullet.²⁷

O momento da Mediação de Leitura com este livro é de muita diversão. Organizo as crianças em roda e vou individualmente pedindo que façam o que o livro pede, e as crianças ficam bem atentas para ver o que acontece quando a folha é virada e qual é a “magia” que eles e elas fizeram. A leitura deste livro já gera movimento, já que devem interagir com o livro.

Para o momento de Ateliê, há várias propostas que podem partir deste livro. Pode-se oferecer às crianças bolinhas de isopor, bolas e bexigas azuis, vermelhas e amarelas. Com

²⁷ Montagem a partir de três páginas do livro.

música²⁸, as crianças brincam livremente com as diferentes bolas; desta forma introduzimos a expressão corporal e o registro do corpo, questões importantes para o trabalho do ator.

Este livro é muito bom para ser trabalhado na Educação Infantil, já que pode se ligar a projetos que tenham relação com explorações de cor ou formas geométricas. Outra atividade de ateliê que proponho para as crianças é usar tecidos das três cores do livro, já que as possibilidades de brincadeira que o tecido permite são bem variadas: algumas crianças usam como roupa (criam figurinos), outras criam cabanas (cenografias), brincam de fantasmas (personagens), outras se juntam de dois ou mais e com um tecido só dançam juntos/as, ou brincam de trenzinho. O/a professor/a pode observar a organização corporal das crianças e sua predisposição para este tipo de brincadeira.

Na minha experiência, entre os livros que trabalho, este livro é um dos preferidos por todas as crianças, desde as turmas de Berçário até as de Jardim, seja por seu lado interativo, que faz da leitura uma brincadeira em si, seja por sua facilidade para ser recontado pelas próprias crianças. Sugiro pedir às crianças de 2 anos que leiam para a turma o livro e vão se surpreender. Não devemos prender-nos ao pensamento que as crianças pequenas ainda não leem por não serem alfabetizadas, pois elas são capazes de ler as imagens e recordar o que deve ser feito em cada página.

Mas a ideia de brincar com as bolinhas das cores primárias faz com que depois possamos inventar muitas outras brincadeiras, e é interessante observar quais situações vão sendo criadas depois de um tempo de exploração.

28 Deixo como sugestão de música os discos “Música para jugar con un bebé” e “Música para acunar un bebé”, do músico argentino Hugo Figueiras. O acesso está disponível em <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/1npoe9hnOUVFXCpGzWpovV?si=1MdwB-VhQO-KWhNz6JEhmg>.

2.1.3 Livro Clap²⁹

Figura 14 - Capa do livro Livro Clap



Fonte: Matoso.

Este livro, da autora e ilustradora Madalena Matoso³⁰, traz imagens claras e em cores plenas, com poucas palavras e convida a se movimentar:

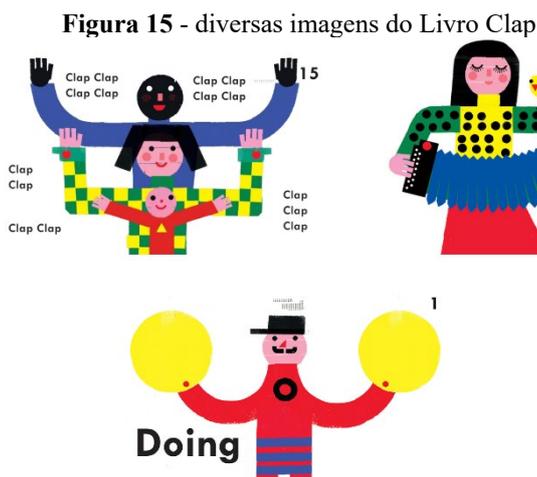
Quando o leitor menos esperar, o Livro Clap pode: - sair voando por aí, - bater na porta de alguma casa, - começar a levantar pesos e a fazer abdominais, - se transformar em um bumbo ou em uma sanfona - nunca se sabe! Então o melhor é agarrá-lo com as duas mãos e aproveitar: abrir e fechar suas páginas, inventar sons e palavras, criar novas histórias e tudo aquilo que a imaginação mandar (Editora Companhia das Letras online).

Recomendo brincar muito com este livro, já que as vivências teatrais são muitas. Ele nos dá a possibilidade de criar movimento a partir de uma imagem, de associar imagem a som, de experimentar diferentes possibilidades sonoras com a voz, e de criar histórias a partir das diferentes situações que apresentam suas imagens.

Bate no som!

²⁹ Para conhecer o livro: <https://www.youtube.com/watch?v=KZDxKSFSETw>

³⁰ <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/sobre/madalena-matoso/>



Fonte: Matoso³¹

Leio este livro fazendo os movimentos que as imagens sugerem: na página do *Doing*, fecho o livro como se estivesse tocando os pratos; em outras, o livro voa como um pássaro e logo como uma borboleta, e assim por diante. Também peço para as crianças repetirem comigo as onomatopeias propostas.

No momento de Ateliê com este livro, eu participo ativamente. Com as crianças de pé, vou mostrando as páginas aleatoriamente. As crianças vão imitando a imagem e se movimentando livremente. É importante que o som proposto para cada imagem pelo livro esteja presente na brincadeira das crianças, associando assim movimento e som.

Em outra proposta de atividade, na qual eu não participo de forma tão ativa, as crianças escolhem uma imagem e se aprofundam nessa personagem: como ela é? Como se movimenta? Como é seu som, ou sua voz? Para esta atividade é interessante ter as imagens impressas soltas, para que cada criança possa ter a sua, e logo é trabalho do/a professor/a ir fazendo as perguntas para que as crianças possam realizar a sua pesquisa.

Com este livro podemos avaliar a capacidade de observação das crianças, e como elas transformam uma imagem em personagem. Também observamos como é o desenvolvimento de sua voz, e quais sons estão conseguindo desenvolver.

Para melhor apropriação das crianças, pode-se deixar o livro nas mãos delas, ou ter as imagens em folhas grandes, para eles irem brincando livremente. Muitas vezes, quando estou lendo esse livro para as crianças, experimento movimentá-lo: uma das folhas tem uma sanfona e, então, mexo o livro como se estivesse tocando sanfona; outra tem uma porta para bater e falar Toc Toc, então bato na porta. E, nesses momentos, sinto que estou atuando dentro de um Teatro de Objetos, como observa Caroline Holanda, no texto *Temas dramaturgicos sobre Teatro de*

³¹ Imagens do Livro Clap que mostram movimento e som.

Objetos: o Retorno a Juberlano, quando coloca que: “[...] no Teatro de Objetos, o caminho percorrido com os materiais pode encontrar um enorme manancial de criação quando a escuta se refina na direção de um verdadeiro diálogo entre homem e matéria” (Holanda, 2018, p. 201). É isto que pretendemos ao apresentar o livro para as crianças: que possam ter uma relação criativa com ele como objeto, e não só pela leitura de texto e imagem. Reflito nesse espaço de professora-artista que se mistura o tempo todo, e que me dá muito prazer, e é esse prazer que quero dividir com o leitor neste trabalho.

2.1.4 Ter um patinho é útil³²

Figura 16 - Capa do livro *Ter um Patinho é útil*.



Fonte: Isol.

Este livro, que é um de meus livros preferidos, pertence à autora e ilustradora Isol³³, e pode ser classificado também dentro da categoria de livro sanfonado. Gosto de dizer que é um livro que sai de uma caixinha.

[...] apresenta as diversas utilidades de um patinho na vida de uma criança, que começa a brincar com ele de todas as maneiras. Pode ser no banho, usando o patinho como apito, como chapéu, como cotonete e por aí vai... No final da obra, do lado inverso do livro, a história recomeça do ponto de vista do bichinho, que elenca as inúmeras utilidades de um menino na vida de um patinho. Utilizando as mesmas ilustrações, a autora mostra que as situações podem ter pontos de vista diferentes. (Sesi-SP editora, online)

Este livro nos permite três tipos de atividades: brincar com a interpretação de papéis dos dois personagens que aparecem no livro, brincar com mundos irrealis/impossíveis, e também trabalhar com o improvisado.

³² Para conhecer o livro: <https://vimeo.com/446498310>.

³³ <http://isolisol.blogspot.com/>.

Figura 17 - Eu, na Biblioteca Municipal de Villa María, Córdoba, em Argentina, contando este livro com ajuda de uma criança.



Fonte: arquivos da autora.

Eu menino! Eu patinho!

Figura 18 - Duas partes do livro com a mesma imagem: do lado amarelo a fala é do Menino, e do lado azul a fala é do Patinho.



Fonte: compilação da autora

Para a leitura deste livro, eu fico de pé, para que todas as crianças consigam observar. Por ser um livro sanfonado e comprido, sempre tenho que pedir a ajuda de alguma criança para segurar um lado do livro enquanto vou abrindo.

Tenho três opções de atividade de Ateliê para este livro. Na Opção 1, divido a turma em duas equipes: uma “equipe menino”, e uma “equipe patinho”. Cada equipe vai imitando sua personagem conforme eu vou lendo.

Na opção 2, organizo a turma em duplas. Cada dupla faz a “foto” de uma imagem do livro. Logo improvisam a partir dessas imagens do livro. E assim vamos contando a história de nossa forma.

Já na opção 3, proponho uma atividade para crianças bem pequenas. Trabalho frequentemente este livro com crianças de 1 ano usando patinhos de plástico, os mesmos que eles e elas usam nas suas casas para tomar banho. Deixo o livro no chão da sala e eles vão imitando as imagens, já que fazem uma referência direta a uma parte do corpo. Com esta atividade consigo avaliar o desenvolvimento físico, observando como criam movimentos, ou como imitam, ou se conseguem reconhecer as partes do corpo.

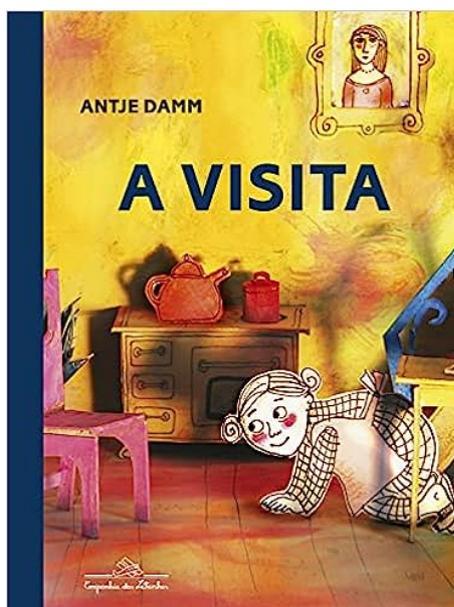
Acredito na magia deste livro que, com somente duas cores e desenhos de linhas pretas simples, cria um estado de fascinação nas crianças. Isol é uma artista que recomendo conhecer; suas pesquisas artísticas são amplas, seus desenhos variados, suas histórias engraçadas e com profundidade intelectual. Isol também tem uma personagem que se chama *Petit*, sobre a qual foi feito um seriado, mas no momento, não está traduzido ao português. Recomendo sempre trabalhar com material filmico para as crianças, pois são parte de seu mundo atual e através do audiovisual podemos conseguir uma ligação com os livros.

2.1.5 A visita³⁴

34 Para conhecer o livro:

<https://www.youtube.com/watch?v=HENjJk49Y5s&list=PLEi49vKmUD9bOEMG2xSH7QrKmXT2QVEiM&index=9>

Figura 19 - Capa do livro A Visita



Fonte: figura da autora.

Da autora e ilustradora Antje Damm³⁵, é um livro que muitas crianças conhecem por ser parte da coleção Leia com uma criança, do Banco Itaú; o programa, quando lançou este livro, o enviava por correio para todas as famílias que se inscreviam para receber.

Elise é uma mulher muito medrosa. Tem medo de aranha, medo de gente e até medo de árvore. Por isso vive sozinha e sozinha pretende ficar. Mas, quando menos espera, um aviãozinho de papel entra por uma janela, atrapalhando sua paz diária. No dia seguinte, certa visita bate em sua porta. E Elise não sabe o que fazer! Será que ela deve receber um estranho - e abrir um espaço como esse em sua vida? Ou deve ignorar e manter tudo da mesma forma? Nesta narrativa, fica claro como, às vezes, basta abrir uma porta para que grandes transformações aconteçam em nossas vidas. (Amazon online).

Recomendo este livro para trabalhar com crianças mais velhas também; porém, para trabalhar com crianças pequenas, ele serve para introduzir o conceito de cenografia, e para brincar com a técnica de teatro de papel.

35 <https://www.instagram.com/antje.damm/>.

Onde estou?

Figura 20 - Imagem do livro



Fonte: Antje Damm.

Depois da Mediação de Leitura deste livro, aproveito para conversar com as crianças sobre as imagens, e pergunto: qual é a técnica utilizada? É desenho? É fotografia? Está em branco e preto? E a cor? Essas perguntas servem como disparador para a atividade de Ateliê, mas também para aproveitar a reflexão por parte das crianças sobre a imagem, já que a artista criou uma sequência de imagens muito interessantes com técnicas mistas, e que por si mesmas contam uma história.

No começo do *Ateliê* é oferecido para cada criança uma figura de si mesma, ou então, com crianças maiores, peço para que desenhem uma figura de si mesma em papel branco com canetinha preta, assim como está desenhada a protagonista da história. Logo, proponho o livre brincar com os bonecos de papel no espaço. Tiro fotos dos bonecos de papel em diferentes espaços e posições onde as crianças os posicionam; com as crianças mais velhas, deixo que elas tirem as fotografias dos/das colegas.

Como encerramento da atividade, coloco no computador ou no projetor as fotografias, para que as crianças conversem sobre a contraposição entre o desenho e o mundo real, qual é a cenografia da imagem, e o que podemos criar sobre o que está acontecendo na imagem. Outra forma de avaliar ou de encerrar esta atividade é propor a criação de uma nova história a partir das fotografias criadas.

Cada vez que leio este livro para as crianças, lembro-me de um conceito fundamental da Mediação de Leitura:

A criança é inteligente e capaz de fazer muitas leituras. Expressa sua atenção e seu interesse de diferentes modos, pelo movimento, com brincadeiras e comentários. É uma situação triangular, que envolve um encontro entre criança, mediador e obra literária. Pressupõe uma criança entendida como criadora de sentidos, capaz de sentir significados; o mediador como presença que dá voz ao texto literário e dispõe seu olhar e escuta para convidar à interação e acolher as diferentes leituras; e o livro de literatura infantil, como objeto cultural que constrói narrativas com seu texto, imagens e design, também chamado de livro-álbum (ITAÚ SOCIAL, S/A, p. 5).

Elas, de forma autônoma, vão opinando sobre as cores que o menino coloca na casa da senhora, então recomendo ao adulto que lê que não diga nada sobre esse ponto, para deixar que as crianças descubram.

Este livro foi utilizado por mim na pandemia, quando tive que enviar as atividades em formato de vídeo para meus/minhas alunos/as pequenos/as. Esta foi uma forma de valorizar a casa de cada um como um lugar possível para brincar, quando tínhamos a necessidade de trazer alegria para esse isolamento.

Figura 21 - Foto tirada para exemplo de atividade online durante o isolamento no ano 2020



Fonte: figura da autora.

Considerações Finais

Durante o processo de escrita deste trabalho, tive que refletir sobre quais eram os conceitos teóricos que acompanhavam minha prática. Alguns conceitos foram fáceis de colocar, uma vez que vinham acompanhando a minha prática, como o conceito de livro-álbum e sobretudo o conceito de Mediação de Leitura, que sempre está presente no momento de me sentar frente às crianças e abrir um livro para ler. Outros conceitos conheci durante minhas práticas e comecei a explorar antes deste trabalho, como é a ideia de Ateliê, que me permitiu organizar minhas aulas.

Após a escrita do Capítulo 1, pude compreender a necessidade de dialogar com conceitos teóricos, o que levou ao amadurecimento da minha prática e a uma mudança do meu olhar, e sobretudo a dar um valor acadêmico, que permite apresentar as práticas para fora da escola. Com o Capítulo 1 também pude pensar algumas características específicas do trabalho com crianças pequenas, como o tipo de experimentação que ocorre nesse momento de vida, e também pude pensar o espaço do/da professor/a, a partir dos conceitos de Ateliê e Mediação de Leitura.

Já o Capítulo 2 nos abriu as portas da sala de aula. Lemos várias práticas e suas curiosidades, que são as que dão a este trabalho sua essência. Acredito que a partir dessa leitura possam ser pensadas novas práticas, que levarão a quem lê este trabalho a observar os livros-álbum e imaginar as brincadeiras que podem surgir depois da leitura. Na escrita deste capítulo pensei muito sobre a interdisciplinaridade que este contém, uma vez que temos, na mesma prática, literatura, com as histórias, artes visuais com as imagens apresentadas, e teatro com o momento de Ateliê.

No processo de escrever e refletir, muitas linhas surgiram e foram aprofundadas, enquanto outras ficam na necessidade de serem pensadas novamente. Nesta etapa de reflexão, fui verificando por partes meu objetivo geral. Em relação ao “compreender as possibilidades do livro-álbum como objeto brincante”, o trabalho escrito responde a esse ponto, mas gostaria de estimular mais uma vez a procurar os livros físicos e brincar com eles, para assim cada leitor/a ter a sua própria compreensão. Fico com o questionamento: como seria um trabalho acadêmico que possibilite a experiência? Somente através das descrições da experiência? Através de fotografias? De vídeos? Ou tentando semear a curiosidade de quem lê? Será que atingi a segunda parte de meu objetivo? “Incentivar as/os professores a levar o livro-álbum para as aulas com crianças pequenas”. Penso que todo o trabalho responde a esse objetivo, mas, ao mesmo tempo, reflito que só descreve uma parte; é o começo deste trabalho, porque é o lugar do adulto

nesta prática que precisa ainda ser aprofundado. Como é a relação desse adulto com o livro-álbum escolhido? Como se relaciona com as crianças pequenas? E o espaço onde a experiência vai se desenvolver? E o tempo? Porque estamos colocando esta metodologia como possibilidade de prática teatral dentro da escola de Educação Infantil, e sabemos que, em geral, as instituições têm tempos delimitados rigidamente³⁶, ou os espaços são cheios de estímulos (outros brinquedos, professores/as conversando, barulhos de outras turmas, etc). Acredito na possibilidade de adaptar tempos e espaços, mas todo o detalhado abre a necessidade de uma pesquisa mais específica do papel do adulto nesta metodologia.

Durante minha pesquisa foi sendo mais relevante o lugar do adulto nesta metodologia: o lugar do/da Mediador de Leitura e de Atelierista. Neste trabalho, coloco cada um como em um momento separado, e apresento-os com suas características, mas fui observando a necessidade de “fundir” os conceitos para pensar esse adulto. Meu objetivo geral tem o foco no trabalho com o livro-álbum, mas no decorrer da escrita minhas experiências foram dando espaço a pensar meu lugar nesta prática. Outro ponto que não estava em meu objetivo inicial e surgiu com o relato das experiências é a reflexão prévia ao momento da aula, o momento de pensar os porquês e para que a escolha dos livros, o momento do ateliê e a escolha dos materiais a serem usados nesse momento.

Como continuidade à reflexão sobre o lugar de quem planeja e coordena esta atividade está também a possibilidade de interdisciplinaridade que esta prática pode abarcar. Por ser uma prática dentro da Educação Infantil, é um tipo de atividade que pode ser dirigida por uma professora ou professor de sala, já que a maioria das escolas só conta com esse tipo de professor/a, e nenhum/a professor/a especialista. Acredito que uma próxima pesquisa poderia ser realizada sobre como esta prática pode ser levada por um/a professor/a que não seja professor/a de teatro, ou não tenha a visão de um arte-educador. Neste trabalho apresentamos uma metodologia que pode ser utilizada por professores/as de sala, mas acredito que o olhar e a experiência de arte-educador fazem a diferença, e que o ideal é que seja aplicada por um especialista nas Artes Cênicas. Porém, a realidade das instituições de Educação Infantil é outra, e seria muito gratificante para mim que fosse aplicado em muitas escolas. Então, no futuro, gostaria de pensar e pesquisar quais são as práticas, as experiências e os estudos que um/a professor/a de sala precisaria para poder trabalhar com esta metodologia, e em que espaços da escola pode ser aplicada. Podemos vislumbrar nesta metodologia uma possibilidade de prática

³⁶ Na escola onde trabalho, minha aula dura meia hora; como tenho muitos anos de prática, já consigo planejar o que fazer nesse tempo. Mas sempre fico com esse questionamento: não seria melhor sem tempo delimitado?

teatral na Educação Infantil partindo de uma atividade que todo/a professor/a de sala conhece: ler um livro.

Referências Bibliográficas

Amazon.com.br. **A visita**. Disponível em https://www.amazon.com.br/visita-Antje-Damm/dp/857406713X/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=21HK9P004KXMZ&keywords=a+visita+livro&qid=1688475210&srefix=a+visita+livro%2Caps%2C206&sr=8-1. Acesso em: 28 jun. 2023. S/A.

AZEVEDO COELHO, M. Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva. **Revista Polêm!ca**, v. 13, n.2 , abril/junho de 2014. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2014.

BIANCHI, Álvaro. **Pequeno e despretenso guia para a confecção de projetos de pesquisa**. Apostila de Trabalho. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

Catapulta Editores. **O Diário do Capitão Arsênio**. Disponível em <https://catapultaeditores.com.br/produtos/diario-do-capitao-arsenio-o/>. Acesso em 28 jun 2023.

CHANAN, M. **Um ateliê na escola para uma escola como um ateliê**. Disponível em <https://www.blogculturainfantil.com.br/post/um-ateli%C3%AA-na-escola-para-uma-escola-como-um-ateli%C3%AA>. Acesso em 22 out 2023. 2021.

Coletivo Leitor. **Aperte aqui**. Disponível em <https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Livros-interativos-um-convite-para-o-leitor-co-criar>. Acesso em 28 jun 2023.

Companhia das Letras. **Livro Clap**. Disponível em <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788574067681/livro-clap#:~:text=Quando%20o%20leitor%20menos%20esperar,uma%20sanfona%20%2D%20nunca%20se%20sabe!.> Acesso em 28 jun 2023.

CONABIP. **Bibliotecas populares**. Disponível em <https://www.conabip.gob.ar/node/40#overlay-context=node/13>. Acesso em 22 out 2023. s/d.

CORREA, C. M.; ARAÚJO, H. T. G. P. de. HOJE TEM ESPETÁCULO? TEM! SIM, SENHOR! Dança, teatro e brincadeira na educação infantil. **Revista Aspás**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 80-91. DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v4i2p80-91. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/86856>. Acesso em: 18 abr 2023. 2014.

FERNANDEZ T., CASTRO R. Os artistas como pesquisadores na virada pedagógica da arte. **ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes** | v.6 n.2, ABRACE, ANDA, ANPAP e ANPPOM em parceria com a UFRN | ISSN 2357-9978. 2019.

HOLANDA, C. Temas dramaturgicos sobre Teatro de Objetos: o Retorno a Juberlano. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 32, p. 197-215. DOI: 10.5965/1414573102322018197. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102322018197>

. Acesso em 12 jul. 2023. 2018.

ITAU SOCIAL. **Guia para mediação de leitura**. Disponível em <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Guia-de-mediacao-para-leitura.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2022. s/d.

KOONT, C., GUBBIN B. **Diretrizes da IFLA sobre os serviços da biblioteca pública**. Berlin: De Gruyter Saur. Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/<https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/hq/publications/series/147-pt.pdf>. Acesso em 1 jul 2023. 2013.

MACHADO, M. M. A Criança é performer. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 35, n. 2. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11444>. Acesso em: 5 jun. 2023. 2010.

MACHADO, M. M. **O Imaginário infantil como trabalho em processo**. Disponível em <http://redalyc.org/pdf/5120/512051605005.pdf>. Acesso em 5 jun 2023. 2010.

MALAGUZZI, L. Histórias ideias e filosofia básica. *In*: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médica, 1999.

OLIVEIRA M, R. **Sobre os fios das narrativas que entrelaçam encontros**. A personagem Sherazade como inspiração para a mediação de leitura. Disponível em <https://acasatombada.com.br/artigos-e-tccs/sobre-os-fios-das-narrativas-que-entrelacam-encontros-a-personagem-sherazade-como-inspiracao-para-a-mediacao-de-leitura/>. Acesso em 15 nov 2023. 2022.

PAVIS, P. **A análises dos espetáculos**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003.

Sesi Editora. **Ter um patinho é útil**. Disponível em <https://www.sesiseditora.com.br/produto/ter-um-patinho-e-util/>. Acesso em 28 jun 2023. S/A.

SILVEIRA BARBOSA, M. & FOCHI, P. **O Teatro e os bebês: trajetórias possíveis para uma pedagogia com crianças pequenas**. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Paulo-Fochi/publication/319653207_O_teatro_e_o_s_bebes_Trajektorias_Possiveis_Para_uma_Pedagogia_com_Crianças_Pequenas/links/59b83a940f7e9bc4ca390a28/O-teatro-e-os-bebes-Trajektorias-Possiveis-Para-uma-Pedagogia-com-Crianças-Pequenas.pdf. Acesso em 18 abr 2023. 2011.

TEIXEIRA, Carla. **O álbum ilustrado: abordagens teóricas para a definição do gênero textual e propostas para o ensino da língua**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/124596> . Acesso em: 18 abril 2023. 2021

TELLES, Narciso. **A experiência como atitude metodológica na pesquisa em teatro**. IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Disponível em <http://publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/artide/vieu/1172>. Acesso em 15 jul 2023. S/A.

TRANSFORMANDO.COM.VC. **Educação baseada em projetos:** entenda seus benefícios e diferentes possibilidades. Disponível em <https://transformando.com.vc/educacao-baseada-em-projetos-entenda-seus-beneficios-e-diferentes-possibilidades/> . Acesso em 14 jul 2023. 2022.